



DOCÊNCIA E INTERSECCIONALIDADE: UM ESTUDO DE CASO DAS PROFESSORAS DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

Karine de Assis Oliveira Soares¹
Flomar Ambrosina Oliveira Chagas²

¹Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás/assis.karine@gmail.com

²Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás /flomarchagas@gmail.com

Resumo:

O presente trabalho é a apresentação de estudos iniciais de uma pesquisa de doutorado profissional do Programa de Pós-graduação em Educação para Ciências e Matemática do IFG/Câmpus Jataí. Essa pesquisa tem por objetivo compreender os efeitos da relação entre gênero, raça e trabalho docente na carreira das professoras da área de Ciências da Natureza na rede estadual de ensino da cidade de Jataí. A abordagem teórica escolhida é a interseccionalidade, que tem como ponto de partida o complexo sistema de opressões, de ordem colonial, patriarcal e capitalista, que atravessam os corpos das mulheres em diferentes contextos. Pretendemos, ao longo da investigação, produzir conhecimentos sobre o trabalho docente numa perspectiva brasileira e decolonial.

Palavras-chave: Decolonialidade. Professoras. Interseccionalidade.

Introdução

Este texto relata a fase inicial da pesquisa de doutoramento, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás/Câmpus Jataí, e apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg). Nossa pesquisa tem como objetivo identificar os efeitos da intersecção entre gênero, raça e trabalho docente na carreira das professoras de Ciências da Natureza. É um estudo qualitativo, do tipo estudo de caso, com o foco no caso das professoras que tenham formação nas áreas de Biologia, Física e Química.

O trabalho docente acontece em um sistema-mundo historicamente situado, e por isso pretendemos considerar a docência a partir do Brasil, espaço que nos encontramos. A abordagem metodológica adotada será a interseccionalidade, uma perspectiva decolonial que, conforme Carla Akotirene (2021, p. 59) “elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais”.

Nosso estudo pretende considerar os sistemas de colisão de opressões que sujeitam as mulheres a desvalorização e precarização do trabalho. Um estudo sobre trabalho docente que



considera o gênero não se refere apenas a um outro sexo, mas às relações que foram construídas ao longo da história. O gênero precisa ser entendido como “elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma de significar relações de poder” (SCOTT, 2019, p. 67). Em relação a categoria raça, ela é uma forma de exclusão e exploração do sistema econômico vigente, que se expressa no racismo (HALL, 2013).

Numa sistema-mundo marcado pelo patriarcalismo, colonialismo e capitalismo as experiências docentes possuem particularidades para mulheres e homens. Mesmo que, comumente, seja possível constatar que há um maior número de mulheres que homens na escola, cada sujeito será atravessado pelos sistemas de opressões de diferentes formas. Daí a importância de um estudo sobre o trabalho docente numa abordagem interseccional.

Metodologia

A pesquisa será dividida em quatro principais etapas, sendo elas: a) revisão da literatura focada em pesquisas sobre o trabalho docente numa perspectiva interseccional; b) levantamento da quantidade de professoras e professores vinculados à rede estadual de ensino que possuem formação em áreas como a Física, a Química e a Biologia; c) aplicação de questionário para verificar informações socioeconômica e formativas; d) realização de entrevistas semiestruturadas com as professoras de Biologia, Física e Química, que serão pretendemos analisar estabelecendo diálogos com as autoras que fundamentam o nosso estudo.

Resultados e discussões

Pensar o trabalho docente e seus atravessamentos, a partir do Brasil, exige que nos atentemos aos processos históricos que nos constituíram até aqui, bem como as formas de controle e poder produzidos pela modernidade na América. Anibal Quijano (2005), sociólogo peruano, elaborou o conceito de *colonialidade do poder*, afirma que dois processos históricos convergiram e produziram a modernidade na América: o estabelecimento da diferença entre conquistados e conquistadores baseado na raça, e o controle do trabalho e seus produtos. O colonialismo, ao elaborar teoricamente a ideia de raça e de conhecimento eurocêntrico, demonstrou ser um eficaz instrumento de dominação.

No contexto do colonialismo da América são elaboradas novas estruturas do controle



do trabalho que não podem ser entendidas como apenas extensão do passado europeu. Isso porque,

foram deliberadamente estabelecidas e organizadas para produzir mercadorias para o mercado mundial. Em segundo lugar, porque não existiam apenas de maneira simultânea no mesmo espaço/tempo, mas todas e cada uma articuladas com o capital e com seu mercado, e por esse meio entre si. (QUIJANO, 2005, p. 3).

Essa nova configuração do controle do trabalho que é estabelecida na América, e especialmente na América Latina, cria o padrão de poder colonial que é racista, patriarcal, que serve ao mercado global. Com Quijano (2005) é possível construir uma ideia de hegemonia da América Latina. É nesse sentido que compreendemos a necessidade de uma abordagem teórico-metodológica na pesquisa que seja crítica e evidencie as consequências da estrutura sistema colonial, ao patriarcado e ao capital, que seja decolonial. Por isso optamos pela abordagem interseccional.

Ao optarmos pela interseccionalidade como recurso teórico-metodológico de pesquisa na investigação sobre o trabalho docente, estamos considerando a estrutura heterogênia da hegemonia. O trabalho docente, numa perspectiva decolonial, está situado num sistema marcado pelos valores patriarcais, coloniais e capitalistas. A perspectiva interseccional não compreende esses valores estruturados de forma hierárquica e sim imbricados. Conforme Carla Akotirene (2021) é preciso compreender a inseparabilidade estrutural desse sistema que coloca as mulheres diante de um cruzamento de gênero, raça e classe.

A interseccionalidade é um campo teórico que vem ganhando espaço nas pesquisas brasileiras nos últimos anos, mas que já existe como movimento de resistência a um longo tempo. O termo surge pela primeira vez com a professora e advogada norte-americana Kimberle Crenshaw (1991), que é especialista nos estudos de raça e gênero. Em suma, a interseccionalidade é entendida como uma abordagem epistemológica, e política, que considera a colisão de opressões de raça, de classe e de gênero que se encontram interligadas (CRENSHAW, 1991; COLLINS E BILGE, 2021; DAVIS, 2016; AKOTIRENE, 2021). É uma ferramenta analítica que retira da invisibilidade os grupos historicamente subalternizados e privados de direitos.

Considerações Finais



Nosso estudo sobre trabalho docente, num viés interseccional, pretende dialogar e compreender as diferentes complexidades das trabalhadoras docentes. Compreender e expor os sistemas de opressões que as mulheres encontram é fundamental para a construção de resistências e formas de enfrentamento. Esperamos que a pesquisa possa contribuir para as discussões sobre o trabalho sob olhares e perspectivas ainda pouco exploradas no Brasil. O sexismo, o racismo e as divisões de classe atravessam a vida das mulheres e suas histórias precisam ser contadas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Silma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Mapping the Margins**: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, Palo Alto, v. 43 n. 6, p. 1241-1299, 1991.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialismo do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: Perspectivas Latinas Americanas, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 12, jul, 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *In*: HOLANDA, Heloísa B. (org.) **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, p. 49-80, 2019.